



Letramentos e inteligência artificial: potencialidades do ChatGPT no ensino de Língua Portuguesa

Literacies and artificial intelligence: potential of ChatGPT in teaching Portuguese

Graziela Frainer KNOLL*

Taís Steffenello GHISLENI**

RESUMO: As transformações que se formam significativamente pelas tecnologias têm afetado nossas práticas sociais porque envolvem, em primeiro lugar, as linguagens e a maneira como produzimos textos e discursos. No contexto escolar, é necessário romper com a separação artificial entre o texto e a tela. Em vez de tratar o meio digital como um simples suporte passivo, as aulas de linguagens devem englobar práticas que entendam os algoritmos, as interfaces e os hipertextos como parceiros ativos na construção de sentido (Paveau, 2021). Essas mudanças se refletem também na sala de aula à medida que lidamos com o texto produzido ou mediado por tecnologias digitais, como ferramentas de Inteligência Artificial. O objetivo do artigo é refletir sobre os benefícios e os limites do uso de ferramentas de inteligência artificial generativa, como o ChatGPT, na aula de Língua Portuguesa. A pesquisa é teórica e aplicada, assim, serão abordadas as competências digitais e sua relação com o letramento digital, será vista a definição de inteligência artificial e suas aplicações e, a partir disso, serão feitas as reflexões sobre a inteligência artificial na aula de Língua Portuguesa. Se tomarmos como recomendação que é atribuição dos professores saber como as tecnologias podem apoiar o aprendizado e desenvolver, com autonomia, os estudantes, para que conheçam e saibam aproveitar benefícios e oportunidades trazidos por essas tecnologias, podemos considerar também importante que os próprios professores saibam aproveitar essas ferramentas no seu planejamento. Inicialmente, são abordadas as competências digitais exigidas de professores e estudantes, destacando-se a multiplicidade dos letramentos digitais. Em seguida, discute-se o conceito de IA, suas aplicações e limitações, ressaltando os desafios da integração dessas tecnologias à educação. A análise abrange considerações sobre o uso do ChatGPT na elaboração de um jogo de investigação textual voltado ao ensino fundamental, discutindo sobre o potencial da IA como ferramenta de apoio ao letramento crítico e à colaboração entre estudantes. As conclusões evidenciam a necessidade de formação docente contínua, uso ético das tecnologias e reconhecimento da IA como aliada (e não substituta) das interações humanas no processo educacional. Com a aproximação entre as competências digitais docentes e o letramento digital, torna-se evidente que a atuação do professor exige

* Doutora em Letras (UFSM). Professora Adjunta na Universidade Franciscana. Santa Maria, RS - Brasil. grazi.fknoll@gmail.com

** Doutora em Comunicação Midiática (UFSM). Professora Adjunta na Universidade Franciscana. Santa Maria, RS – Brasil. taisghisleni@yahoo.com.br

mais do que o domínio técnico das tecnologias: requer uma compreensão crítica de seus usos pedagógicos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagens. Letramentos. Ensino. Tecnologia digital.

ABSTRACT: The transformations that are significantly shaped by technology have affected our social practices because they involve, first and foremost, languages and the way we produce texts and discourses. In the school context, it is necessary to break with the artificial separation between text and screen. Instead of treating the digital medium as a simple passive support, language classes should encompass practices that understand algorithms, interfaces, and hypertexts as active partners in the construction of meaning (Paveau, 2021). These changes are also reflected in the classroom as we deal with text produced or mediated by digital technologies, such as Artificial Intelligence tools. This article presents reflections on the use of artificial intelligence (AI) in language teaching, considering its relationship with digital competencies and contemporary literacies. Based on a theoretical and exploratory approach, the study analyzes how technological transformations have impacted educational practices, particularly in reading, writing, and text production. If we take as a recommendation that it is the teachers' responsibility to know how technologies can support learning and develop students autonomously, so that they know and know how to take advantage of the benefits and opportunities brought by these technologies, we can also consider it important that the teachers themselves know how to take advantage of these tools in their planning. The article begins by addressing the digital skills required of teachers and students, highlighting the multiplicity of digital literacies. It then discusses the concept of AI, its applications, and limitations, emphasizing the challenges of integrating these technologies into education. The analysis includes considerations on the use of ChatGPT in the development of a text investigation game aimed at elementary school education, discussing the conclusions underscore the need for continuous teacher training, ethical use of technologies, and the recognition of AI as an ally (rather than a replacement) for essential human interactions in education. With the rapprochement between digital teaching skills and digital literacy, it becomes clear that the teacher's role requires more than technical mastery of technologies: it requires a critical understanding of their pedagogical and social uses.

KEYWORDS: Languages. Literacies. Teaching. Digital technology.

Artigo recebido em: 01.10.2025

Artigo aprovado em: 14.07.2026

1 Introdução

Diariamente, os professores se propõem a preparar os estudantes para um presente conectado e um futuro que, em meio a tantas incertezas, se apresenta como um cenário volátil, em que profissões se modificam e cedem espaço a novas possibilidades de criatividade, inovação e trabalho. As transformações que se engendram significativamente pelas tecnologias têm afetado nossas práticas sociais

porque envolvem, em primeiro lugar, as linguagens e a maneira como produzimos textos e discursos.

Segundo Rushkoff (2024), as tecnologias autônomas, mercados descontrolados e uma mídia agressiva têm perturbado profundamente a sociedade, prejudicando nossa habilidade de pensar construtivamente, formar conexões significativas e agir com propósito. O autor sugere que esses elementos têm sido intencionalmente moldados por uma agenda anti-humana, transformando forças que deveriam promover a conexão humana em forças de isolamento e repressão. Para reverter essa situação, o autor afirma que é necessário reconhecer que ser humano é inerentemente um esforço coletivo e que nossas conexões sociais são fundamentais para nossa sobrevivência e senso de propósito.

Rushkoff (2024) argumenta que a evolução se baseia tanto na cooperação quanto na competição, destacando que a colaboração foi fundamental para o desenvolvimento avançado dos humanos, ao contrário do mito de que apenas a sobrevivência do mais apto impulsiona a evolução. Podemos acrescentar que o desenvolvimento das tecnologias de comunicação materializam muito dessa evolução e, por um lado, ajudam a impulsionar transformações no comportamento da própria espécie, considerando que, ao criar e desenvolver tecnologias, também é gerado o aprendizado de novas técnicas para manipulá-las.

Entendemos que Rushkoff (2024) destaca a importância das conexões sociais e da comunicação multimodal para a evolução humana, e, nesse sentido, a integração de aplicativos de Inteligência Artificial (doravante, IA) na aula de Língua Portuguesa pode oferecer benefícios significativos ao proporcionar personalização de textos conforme a necessidade e engajamento dos estudantes. Mas vale atentar para o fato de que é muito importante ter um olhar também para as limitações e garantir que a tecnologia complemente e não substitua as interações humanas essenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento social.

O papel da escola e dos professores na aquisição de habilidades e competências necessárias para interagir com as tecnologias e com outros seres humanos por meio das tecnologias tem sido enfatizado pela UNESCO, culminando na elaboração dos “Padrões de Competência em TIC para professores”, documento publicado em 2009. Nesse documento, a organização afirma que “Os professores na ativa precisam adquirir a competência que lhes permitirá proporcionar aos seus alunos oportunidades de aprendizagem com apoio da tecnologia.[...] As práticas educacionais tradicionais já não oferecem aos futuros professores todas as habilidades necessárias para capacitar os alunos a sobreviverem no atual mercado de trabalho” (UNESCO, 2009, p. 2). Com isso, a organização salienta que é atribuição dos professores saber como as tecnologias podem apoiar o aprendizado e desenvolver, com autonomia, os seus alunos no sentido de que conheçam e saibam aproveitar todos os benefícios que as tecnologias possam trazer.

Dados do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB, 2023) indicam que apenas 10% das redes de ensino no Brasil utilizam inteligência artificial de forma estruturada em sala de aula, e que a maioria dos professores ainda necessita de formação específica para explorar esses recursos de forma pedagógica. Internacionalmente, segundo relatório da UNESCO (2023), o uso da IA na educação está em expansão, mas requer atenção a aspectos éticos, formativos e de equidade no acesso às tecnologias. No entanto, tanto os professores, quanto as instituições de ensino ao redor do mundo nem sempre têm as competências necessárias em seu repertório docente, o que se deve às lacunas da formação continuada, assim como à falta de suporte estrutural das próprias escolas, que muitas vezes não possuem equipamentos ou acesso tecnológico de qualidade.

Para Paveau (2021), a educação linguística precisa superar as metodologias que desvinculam o letramento de sua materialidade digital. O ensino precisa acolher uma visão integrada na qual a arquitetura da rede, com seus algoritmos, links, metadados

e interfaces, é compreendida como uma força coprodutora, atuando lado a lado com a produção de sentidos, textos e discursos.

Segundo afirma Fortes (2025, p. 30): “não cabe concordar ou não com o desenvolvimento e avanço da Inteligência Artificial para dentro da escola, mas é pertinente estar ciente de que ela se faz presente, sendo necessário um debate em torno de seu uso ético, pedagógico e crítico.” Ainda assim, incorporar devidamente as TIC (tecnologias de informação e comunicação) ao aprendizado diário pode ser um desafio difícil de transpor, por mais que as oportunidades por ela oferecidas sejam de grande valor.

Em trabalhos anteriores, Barreto, Massário e Ghisleni (2023) abordaram a relação entre aplicativos de inteligência artificial, criatividade e publicidade; Moraes, Knoll e Ghisleni (2024) realizaram pesquisa bibliográfica envolvendo ensino de comunicação e inteligência artificial. Nesse sentido, pesquisar sobre em que aspectos a IA pode auxiliar as atividades intelectuais humanas, como o ensino e a produção e conhecimento é relevante para entender como esse assunto vem afetando nossas perspectivas. Como destacam Moraes, Knoll e Ghisleni (2023), compreender o funcionamento e a aplicação da inteligência artificial no contexto educacional é importante para explorar suas melhores práticas, o que exige constante atualização por parte dos professores. Para as autoras, a combinação entre IA e ensino pode resultar em uma educação mais personalizada e eficiente, beneficiando tanto o processo de ensino quanto o de aprendizagem.

Exposto esse contexto, o objetivo deste artigo é refletir sobre os benefícios e os limites do uso de ferramentas de inteligência artificial generativa, como o ChatGPT, na aula de Língua Portuguesa. A pesquisa é teórica e aplicada, assim, serão abordadas as competências digitais e sua relação com o letramento digital, será vista a definição de inteligência artificial e suas aplicações e, a partir disso, serão feitas as reflexões sobre a inteligência artificial na aula de Língua Portuguesa. A análise abrange considerações sobre o uso do ChatGPT na criação de um jogo de investigação textual voltado ao

ensino fundamental, discutindo sobre o potencial da IA como ferramenta de apoio ao letramento crítico e à colaboração entre estudantes.

A pesquisa é qualitativa, exploratória e bibliográfica, sendo articulados os referenciais de competências digitais segundo a UNESCO (2009) e os letramentos digitais segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016); e de IA e suas aplicações, segundo Rushkoff (2024), Kaufman (2022), Gabriel (2022; 2024) e Fava (2024), que discutem os efeitos éticos, cognitivos e sociais da IA. Além disso, foi feito o relato descritivo da criação de uma atividade didática no ChatGPT, um jogo de narrativa para leitura, compreensão e interpretação de texto.

O artigo está organizado, para além desta introdução, nas seções: competências digitais e letramentos; inteligência artificial e suas aplicações; criação de uma atividade didática no ChatGPT e considerações finais.

2 Competências digitais e letramentos

Nos termos de Castells (1999), a sociedade em rede é um paradigma de nova organização social que vem se estabelecendo desde o fim dos anos de 1990, com a revolução tecnológica na área da informação e comunicação, permitindo que se façam conexões globais uma difusão da informação em tempo real. Nesse sentido, a lógica de redes permeia todos os aspectos da vida social, alterando a produção, a experiência, o poder e a cultura. E passa a ocorrer nessa mesma lógica a interação entre indivíduos e instituições em geral, ou seja, por meio das conexões oferecidas pelas redes.

Se o indivíduo não tiver o acesso aos dispositivos e o letramento adequado para pertencer a essa nova sociabilidade, não há como ser um participante ativo da sociedade em rede. É diante dessa realidade que se propõem os letramentos digitais. Ao publicar o documento que estabelece os “Padrões de Competência em TIC para Professores”, o objetivo da UNESCO (2009, p. 5) foi criar, mundialmente, diretrizes “que os provedores de desenvolvimento profissional podem usar para identificar, construir ou avaliar materiais de ensino ou programas de treinamento de docentes no

uso das TIC para o ensino e aprendizagem”, mediante um conjunto de qualificações “que permita aos professores integrarem as TIC ao ensino e à aprendizagem, para o desenvolvimento do aprendizado do aluno e melhorar outras obrigações profissionais” (ibidem).

Porém, apesar de as diretrizes direcionarem o foco para as competências digitais requeridas dos professores, cabe a cada governo, país e sistema de ensino viabilizar a qualificação dos profissionais para lidar com esses aspectos da evolução tecnológica. Segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), mesmo no cenário de mudanças característico das economias digitalmente interconectadas, estamos enxergando com mais clareza as competências necessárias para a participação efetiva na sociedade, ampliando nossa capacidade de lidarmos com tecnologias digitais. Isso envolve, conforme os autores, ter domínio sobre os letramentos digitais para fazer uso dos recursos necessários à criação de textos e à construção de ideias de forma colaborativa, ultrapassando os limites pessoais e participando das vivências virtuais que forem surgindo.

Assumir um protagonismo nesse panorama não é algo simples, pois requer lidar com diferenças entre culturas, gerações e níveis de habilidades e, raramente, os estudantes possuem o conjunto de letramentos digitais necessários para interagir na sociedade e corresponder às demandas da vida adulta conectada. Em outros termos, ainda que tenha nascido em um ambiente tecnológico, o estudante não possui habilidades inatas para lidar com a tecnologia digital, o que requer aprendizado constante, já que os dispositivos e suas linguagens se atualizam assim que chegam à mão do usuário.

Ler e produzir textos com as tecnologias digitais tem sido uma tarefa intensa de resignificação de práticas, pois não contam mais com a linearidade, nem de pensamento, nem de execução desde que fomos impactados pelo ciberespaço e pelas redes. Os formatos tradicionais que eram próprios dos textos impressos ou escritos a

mão não se configuram mais da mesma maneira e, com isso, exigem novos letramentos (Ribeiro, 2012).

Entretanto, a prerrogativa de que os indivíduos nascidos após os anos 1990 já em um ambiente tecnológico, os “nativos digitais”, termo empregado por Prensky (2001) em alusão às habilidades possivelmente naturais¹ de jovens na manipulação das tecnologias, nem sempre se sustenta apropriadamente. Outro indício de que a pretensa habilidade natural dos jovens não se verifica é a dificuldade prática que enfrentam na atividade de produzir um texto, sem saber exatamente que recursos digitais podem ou devem ser utilizados, que referências ou fontes de informação fidedignas podem ser buscadas ou, inclusive, que expressões podem ser colocadas dependendo do contexto da interação social e de seus propósitos.

Assim, sob o impacto das atualizações iminentes e constantes, destaca-se o conceito de letramento digital ou, melhor, letramentos digitais: “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (Dudeney; Hockly; Pegrum, 2016, p. 17). Não existe um letramento digital, mas um conjunto de letramentos, cuja habilidade varia conforme o foco (Quadro 1).

¹ Prensky (2001) defende a tese de que os indivíduos nativos digitais possuem formas de processar as informações e os pensamentos de maneira já adaptada aos meios eletrônicos e digitais, pois já nasceram na era de dispositivos como computadores, videogames e demais telas interativas. No presente trabalho, não discordamos de que nascer e crescer com acesso às telas pode acarretar mais facilidade para entender e incorporar as tecnologias nas atividades cotidianas, porém analisamos com bastante ressalva o “saber fazer” sem que haja um aprendizado por trás desse processo. Parece ser muito mais uma questão de o jovem estudante não ter receio de utilizar a tecnologia do que saber utilizá-la adequadamente.

Quadro 1 – Tipologia dos letramentos digitais.

Categoria	Descrição	Exemplos
Letramentos de linguagem	Uso da linguagem em meios digitais, com foco em leitura, escrita e multimodalidade.	Alfabetização digital, produção de vídeos, blogs etc.
Letramentos de informação	Capacidade de localizar, avaliar e usar informações de forma eficaz.	Pesquisa online, avaliação crítica de fontes.
Letramentos de conexão	Habilidades sociais e comunicativas em ambientes digitais.	Colaboração online, etiqueta digital.
Letramentos reimaginados	Pensamento crítico, criatividade e engajamento cívico com tecnologias digitais.	Remix, autoria crítica, ativismo em rede.

Fonte: adaptado de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 21).

Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) explicam que os letramentos digitais incluem, entre outros, o letramento informacional (habilidade de localizar, avaliar e usar informações de modo eficaz), o letramento multimodal (capacidade de interpretar e produzir significados por meio de diferentes modos semióticos), o letramento crítico (capacidade de refletir sobre os conteúdos e sua construção) e o letramento midiático (interpretação crítica das mídias). Esses componentes são interdependentes e essenciais para a atuação cidadã na cultura digital.

As competências digitais para professores, segundo a UNESCO, referem-se ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para integrar efetivamente as tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem. A organização propõe uma estrutura chamada “Quadro de Competência Digital para Professores da UNESCO (UNESCO ICT Competency Framework for Teachers – ICT-CFT)”, o qual visa orientar a formação docente diante das demandas do século XXI.

Conforme a UNESCO (2009), são necessárias aos professores as seguintes competências digitais:

- Compreensão do papel das TIC na educação - os professores devem entender como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podem transformar o ensino, promover inclusão, equidade e melhorar os resultados de aprendizagem;
- Currículo e Avaliação - os professores devem ser capazes de integrar as TIC no currículo, promover metodologias ativas e utilizar recursos digitais para avaliação pedagógica;
- Habilidade pedagógica - os professores devem ser capazes de planejar e implementar práticas pedagógicas inovadoras e centradas no aluno, com o apoio de ferramentas digitais;
- Aplicação de habilidades digitais - os professores devem possuir competência técnica para saber utilizar softwares, plataformas educacionais, dispositivos e ferramentas colaborativas;
- Organização e administração da sala de aula digital - os docentes devem saber gerenciar ambientes virtuais de aprendizagem e adotar estratégias para manter o estudante interessado na aprendizagem de forma online ou offline;
- Formação continuada - a formação em competências digitais deve ser constante, com os professores refletindo sobre sua prática, trocando experiências e atualizando-se sobre novas tecnologias e metodologias.

Assim, a UNESCO não define o uso das TIC como um fim em si mesmo, mas como um modo de promover a educação com qualidade, equidade e inclusão social. Nesse aspecto, as competências digitais propostas pela UNESCO para os professores dialogam diretamente com o conceito de letramento digital, pois ambas abordam a capacidade crítica e autônoma de utilizar as tecnologias de forma significativa. Enquanto o letramento digital refere-se à habilidade de ler, escrever, interpretar, produzir e interagir em ambientes digitais, indo além do uso técnico das ferramentas para abarcar aspectos culturais, éticos e comunicacionais, as competências digitais docentes envolvem o domínio pedagógico desses saberes, a fim de transformar as práticas de ensino e promover aprendizagens mais ativas e inclusivas. Enfim, ao

desenvolver suas competências digitais, o professor não apenas se apropria das tecnologias, mas também se torna mediador do letramento digital dos estudantes, contribuindo para que estes atuem com criticidade e criatividade no mundo digital.

3 Inteligência Artificial e suas aplicações

A Inteligência Artificial (IA) tem suscitado grandes debates desde suas origens. Em 1985, Richard Feynman questionou se máquinas poderiam pensar como humanos e superar sua inteligência, comparando o voo de aviões ao voo de pássaros (Kaufman, 2022). Segundo Stuart Russell, a definição de inteligência está ligada à capacidade de alcançar objetivos, uma característica que máquinas, mesmo as mais avançadas, não replicam da mesma forma que os seres humanos (Russell *apud* Kaufman, 2022).

Marvin Minsky, um dos pioneiros no campo da IA, discorda da visão de que a inteligência é exclusivamente humana, argumentando que sistemas de IA podem aprender e raciocinar, embora de maneira limitada (Minsky *apud* Kaufman, 2022). A IA moderna abrange vários tipos de aplicações, desde processamento de linguagem natural até análise de dados e sistemas de apoio à decisão, cada um com suas limitações e potenciais vieses (Kaufman, 2022).

Para Feynman, um dos desafios críticos da IA era o reconhecimento de padrões em grandes conjuntos de dados, um problema que continua sendo relevante nas técnicas empíricas atuais (Kaufman, 2022). Esse desafio começou a ser mitigado com o desenvolvimento do aprendizado de máquina, especialmente o aprendizado profundo, que permitiu a extração de correlações complexas nos dados, invisíveis aos desenvolvedores humanos (Kaufman, 2022).

Gabriel (2022) destaca que a inteligência artificial está deixando de ser apenas ficção para se tornar uma realidade dominante, reconfigurando todos os aspectos da vida humana. Ela compara esse impacto ao advento do avião no século XX, que reconfigurou a geografia global, permitindo novas formas de exploração e velocidades. Da mesma forma, a IA está reestruturando o mundo de maneiras sem

precedentes, tanto cognitiva quanto fisicamente. Isso cria um novo paradigma de ferramentas intuitivas que oferecem um poder competitivo sem precedentes, transformando a IA na tendência tecnológica estratégica mais significativa atualmente. A autora enfatiza que, embora a IA traga muitos benefícios, sua evolução também introduz riscos e desafios, exigindo reflexão sobre questões éticas e morais para garantir a sustentabilidade humana nessa nova era de simbiose homem-máquina.

Dora Kaufman (2022) destaca a importância de uma compreensão básica da IA para todos, comparando-a à familiaridade que os motoristas têm com a condução de automóveis: "Temos de saber quando 'frear' e quando 'acelerar' a inteligência artificial" (Kaufman, 2022, p. 16). A pesquisadora recomenda adquirir conhecimentos básicos sobre IA para maximizar os benefícios e minimizar os danos, especialmente em um mundo onde algoritmos estão cada vez mais integrados ao cotidiano.

Para Barreto, Massário e Ghisleni (2023), as inteligências artificiais generativas, como o ChatGPT, devem ser compreendidas como agentes otimizadores de tempo e recurso, e nunca como substitutas do papel humano e de seus processos cognitivos. Segundo os autores, o uso dessas tecnologias requer criticidade, responsabilidade e reflexão, para que não se perca o valor da criatividade original nem a autoria nas práticas comunicativas e pedagógicas.

Gabriel (2024) argumenta que as revoluções tecnológicas trazem tanto bênçãos quanto maldições, aumentando a complexidade e criando um fenômeno de desorientação social. Esse "deslocamento cognitivo", causado pelo redemoinho de transformações que se apresentam como ameaças e oportunidades, pode levar à sensação de despreparo e paralisação. A dissonância cognitiva entre o conhecido e o novo dificulta a extração de sentido e direcionamento para agir, tornando os indivíduos mais vulneráveis aos impactos das mudanças. Segundo a autora, aqueles que conseguem entender e se adaptar ao novo paradigma emergente são os verdadeiros vencedores das revoluções tecnológicas. Ela ressalta que não são necessariamente os criadores ou fomentadores das tecnologias que se destacam, mas

aqueles que evoluem com elas. Aprender as novas regras do jogo é essencial para navegar com sucesso qualquer revolução tecnológica, pois isso possibilita aproveitar as oportunidades, além de se proteger de ameaças (Gabriel, 2024).

A complexidade da IA exige uma interação multidisciplinar. Kaufman relata sua experiência em estudar simultaneamente a tecnologia e suas implicações éticas e sociais, um esforço que lhe permitiu traduzir conceitos matemáticos complexos em linguagem acessível às ciências sociais e humanas (Kaufman, 2022).

A inteligência artificial hoje é fundamentalmente modelos estatísticos que, baseados em dados, calculam a probabilidade de eventos ocorrerem. Esse pequeno avanço tem sido responsável por transformações na economia, nas relações pessoais, na sociedade em geral, mas estamos a léguas de distância da chamada general AI (ou strong AI ou full AI), que, supostamente, seria uma inteligência artificial dotada de capacidades de nível humano (Kaufman, 2022, p. 28).

Kauffman (2022) argumenta que a sustentabilidade do trabalho depende da coexistência positiva entre humanos e IA. Ela destaca que a automação acelerada, exemplificada pela decisão da Amazon em dobrar o teto salarial para seus funcionários de tecnologia, reflete um cenário onde a tecnologia assume um protagonismo crescente. Esse movimento ilustra a competitividade intensa do mercado de trabalho e os debates em torno dos efeitos das mudanças tecnológicas sobre o emprego, salários e desigualdade. Para enfrentar esses desafios, a pesquisadora recomenda um esforço conjunto de requalificação profissional e políticas públicas que incorporem o conceito de aprendizagem ao longo da vida, essencial para sustentar o trabalho no futuro (Kauffman, 2022).

Kauffman (2022) discute como a inteligência artificial está redefinindo o conceito de máquinas e ferramentas, alterando a interação entre humanos e tecnologia. Ela argumenta que, ao contrário das máquinas tradicionais que são projetadas com objetivos específicos, a IA é capaz de emular muitas das capacidades humanas, como dirigir carros, reconhecer pessoas e até mesmo tomar decisões complexas. Essa

capacidade transformadora da IA levanta questões fundamentais sobre como essas máquinas podem ser integradas à sociedade de maneira ética e eficaz, especialmente em áreas sensíveis como o sistema judicial. Kaufman enfatiza que, embora a IA ofereça benefícios significativos em termos de eficiência econômica e social, também apresenta grandes desafios, como entender e mitigar preconceitos e garantir transparência nas decisões automatizadas (Kauffman, 2022).

Fava (2024, p.26) complementa essa visão ao afirmar que “os modelos de inteligência artificial generativa são historicamente mais eficientes e eficazes em incumbências racionais e qualquer educador tem consciência de que apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante envolve muito mais que ajustar a sequência dos materiais didáticos”. Ele ainda ressalta que

[...] as tecnologias já fazem parte do cotidiano de todas as gerações, contudo, com o aperfeiçoamento da inteligência artificial, certamente isso se intensificará, provocando mutações nos paradigmas, arquétipos, modelos mentais e comportamentos, suscitando a provável Geração Beta. Filhos de uma geração que tem a tecnologia incrustada no cotidiano, os Beta tendem a privilegiar as inteligências artificiais e viver em um mundo totalmente digitalizado, fazendo com que a tecnologia e humanidade estejam entrelaçadas (Fava, 2024, p. 29-30).

Fava (2024, p.88) também destaca a abrangência e o impacto da IA ao afirmar que “múltiplas são as tecnologias que estão afetando o *modus vivendi* da sociedade, mas nada se compara à retumbância que está causando a inteligência artificial. Tecnologia que explora a utilização de máquinas para realizar atividades e tarefas que requerem características humanas como inteligência, destreza e habilidades operacionais e, por que não, criatividade” (p. 88).

Essas perspectivas indicam que a inteligência artificial está se integrando cada vez mais à sociedade, exigindo uma abordagem multidisciplinar e ética para garantir que os benefícios sejam maximizados enquanto os riscos são devidamente gerenciados. A visão negacionista das tecnologias digitais e, mais recentemente, da IA

tem relação com a dualidade de entendimento entre o ser humano e a máquina. Marie-Anne Paveau, linguista francesa e figura central na análise do discurso digital, propõe uma ruptura com a visão tradicional que separa o "mundo real" do "mundo virtual". Para Paveau (2021), essa divisão é uma ilusão que ignora como a tecnologia está profundamente entrelaçada na nossa existência e, portanto, deve ser substituída pelo paradigma do pós-dualismo. Sob essa ótica, a autora sustenta que a realidade contemporânea deve ser compreendida como uma realidade mista, na qual a separação entre o "mundo real" e o "virtual" é considerada uma falácia analítica, uma vez que o ambiente digital é dotado de uma materialidade intrínseca, que é formada por infraestruturas físicas, códigos e dispositivos e que reconfigura as práticas sociais.

Nesse ecossistema, o sujeito deixa de ser visto como uma entidade puramente biológica para se tornar um "sujeito digital" ou ecológico, cuja existência é indissociável de seus rastros e perfis tecnológicos. Segundo a autora:

A marginalização da máquina, considerada um componente extralinguístico, leva a trabalhar com as formas necessariamente estereotipadas da língua e não sobre com as formas singulares, compostas, mistas, repletas de ruídos e de impulsos do mundo, de discursos empíricos nativos dos universos digitais (Paveau, 2021, p. 30).

Existe uma simbiose entre o humano e a máquina, uma relação que se manifesta primordialmente por meio do tecnodiscurso, um conceito que descreve a hibridização entre a linguagem natural e o código computacional (como *hashtags* e emojis). Para Paveau (2021), essas produções não são meras representações, mas atos de linguagem com eficácia pragmática imediata, capazes de produzir efeitos materiais, afetivos e políticos no tecido social, ratificando a continuidade ininterrupta entre o espaço on-line e o off-line.

Colocar em análise os impactos e as perspectivas da ambiência digital significa analisar também os discursos produzidos e, desse modo, pensar sobre a noção de enunciador ou instância enunciativa. A autora explica:

Nos contextos digitais, a instância enunciativa não é mais, com efeito, assimilável a uma figura única, o enunciador, como ainda querem as teorias dominantes em ciências da linguagem. O esquema da enunciação provindo dos trabalhos de Benveniste, em particular, que identifica um enunciador, um enunciatário, um tempo e um lugar para a enunciação, continua em vigor, e permanece sempre a pergunta tanto no ensino como na pesquisa: “quem fala?”. No contexto digital, essa pergunta sofre um deslocamento e a noção de enunciador deve ser revisada graças à noção de ampliação (Paveau, 2021, p. 54).

Assim como Paveau (2021) reprovava o dualismo entre o real e o virtual, ela coloca em perspectiva que, nos ecossistemas digitais, as noções de pessoa, tempo e espaço são modificadas. O enunciador digital é ampliado porque é essencialmente dialógico, à medida que seus dizeres são constituídos por outros dizeres (comentários, publicações em redes sociais, escritos gerados por aplicativos de inteligência artificial, entre outros).

Com isso, Paveau (2021) oferece uma contribuição indispensável para repensarmos o ensino de linguagens ao propor uma abordagem ecológica e pós-dualista por meio de sua Análise do Discurso Digital. Por não haver fronteiras rígidas entre ser humano e máquina ou entre os mundos "real" (offline) e "virtual" (online), a autora permite compreender a comunicação contemporânea como um *continuum* em que a tecnologia deixa de ser vista como um mero suporte ou ferramenta externa e passa a ser entendida como um ambiente constitutivo que atua em simbiose com o sujeito ("tecnodiscurso").

4 Potencialidades do ChatGPT na aula de Língua Portuguesa

A leitura e a escrita foram transformadas pelas tecnologias analógicas e, posteriormente, digitais, e isso inclui suportes, materiais, ferramentas e meios de produção disponíveis. Esse processo de mudança impactou não só o modo como produzimos textos, mas os textos em si, isto é, a maneira como combinam e reconfiguram linguagens, tecendo novas formas de constituição e significação. Desde a invenção da escrita, até a produção de textos especificamente para as telas dos

dispositivos digitais, há um oceano de transformações que exemplificam a evolução da própria espécie humana. Para o ensino de linguagens, perspectivas integradas como a de Paveau (2021) implicam abandonar práticas pedagógicas que isolam a leitura e a escrita do seu ecossistema tecnológico, passando a promover letramentos que reconheçam os algoritmos, os hiperlinks, os metadados e as interfaces como agentes participativos e coautores na produção de sentidos dos estudantes.

O uso de aplicativos de inteligência artificial no ensino de Língua Portuguesa pode ser pensado como uma abordagem que contribui para facilitar o aprendizado, pois esses aplicativos oferecem ferramentas que possibilitam personalizar o ensino, adaptando-se às necessidades individuais dos alunos e promovendo um ambiente de aprendizado mais simpático aos alunos. Essas são potencialidades do ChatGPT para a aula de Língua Portuguesa. Dentre os principais benefícios está a agilidade de produzir materiais didáticos, como jogos, questões de compreensão leitora, atividades interativas e sínteses do conteúdo. Sem ferramentas de IA, é necessário um tempo de produção bem maior do que o tempo utilizado com o uso dos aplicativos.

Douglas Rushkoff (2024) argumenta que a linguagem e a instrução são fundamentais para a transmissão de conhecimento, permitindo que os seres humanos acumulem e compartilhem séculos de sabedoria em um curto período. Segundo ele, por meio da linguagem e da instrução, os seres humanos conseguem incorporar muitos séculos de sabedoria acumulada no período de aprendizagem de uma única geração. Dessa forma, não é necessário reinventar todo o conhecimento a cada nova geração, mas sim valorizar o que as pessoas do passado têm a nos ensinar. O autor destaca que imitação, vínculo social e linguagem são habilidades interligadas que permitiram o avanço humano, reforçando-se mutuamente.

Na aula de Língua Portuguesa, o uso do ChatGPT possui a capacidade de gerar textos, questões, roteiros de atividades e propostas de avaliação de forma rápida e customizável, oferecendo aos docentes a possibilidade de reduzir o tempo de planejamento e diversificar estratégias didáticas, favorecendo a diferenciação

pedagógica e a resposta ágil às necessidades específicas de turmas e níveis de proficiência. Ademais, a integração do ChatGPT no ambiente escolar cria um espaço propício para o desenvolvimento do letramento digital entre estudantes. Ao interagir com sistemas conversacionais baseados em IA, os alunos exercitam competências metacognitivas e linguísticas, tais como avaliação crítica de fontes, edição e reformulação textual e construção de argumentos, que são fundamentais para atuar de modo consciente em ecossistemas comunicacionais mediados por tecnologias digitais.

A incorporação dessa tecnologia impulsiona a escola a dialogar com questões emergentes na sociedade digital, especialmente no que tange à ética e à autoria. O uso de geradores de texto suscita debates pedagógicos sobre originalidade, responsabilidade na produção e circulação de conteúdos, direitos autorais e práticas de citação, ampliando o currículo para incluir reflexões sobre cidadania digital e formação ética frente aos desafios das redes.

No entanto, apesar dos avanços significativos, o uso de IA no ensino de Língua Portuguesa também apresenta limitações. As preocupações incluem a dependência excessiva da tecnologia, a potencial desumanização do processo de aprendizado e questões relacionadas à privacidade e segurança dos dados dos alunos. Além disso, há desafios em garantir que esses aplicativos sejam inclusivos e acessíveis a todos os estudantes, independentemente de suas condições socioeconômicas.

A utilização do ChatGPT em aulas de Língua Portuguesa articula-se diretamente com as Diretrizes da UNESCO para as competências digitais do século XXI, ao promover habilidades como literacia informacional e de dados (avaliação crítica de fontes geradas pela IA), comunicação e colaboração (interações mediadas por ferramentas digitais), criação de conteúdo digital (produção e edição rápida de textos e materiais didáticos) e resolução de problemas (personalização de tarefas e feedback). Essas potencialidades permitem ao professor desenvolver atividades que habilitam os estudantes para operar, avaliar e produzir conhecimentos em ecossistemas digitais

complexos, atendendo à ênfase da UNESCO na integração de tecnologias como meios para a inclusão, criatividade e cidadania digital responsável.

Ao mesmo tempo, as orientações da BNCC sobre letramento crítico também dão certo respaldo ao uso pedagógico do ChatGPT, na medida em que o recurso fomenta práticas de análise textual, argumentação e reflexão ética sobre autoria e veracidade. Inserir a IA no processo educativo pode fortalecer competências previstas pela BNCC, tais como interpretação, produção e avaliação crítica de discursos e textos, ao promover tarefas que exigem verificação de fontes, reconhecimento de vieses, apropriação de normas de citação e debates sobre responsabilidade social na produção textual. Assim, o uso consciente do ChatGPT pode contribuir para formar sujeitos críticos, autônomos e capazes de atuar eticamente nos ambientes comunicacionais contemporâneos.

5 Considerações finais

Em síntese, a integração de aplicativos de IA como o ChatGPT no ensino de Língua Portuguesa oferece um conjunto complementar de recursos que potencializam a prática docente e o desenvolvimento de competências comunicativas: agiliza a produção de materiais, possibilita diferenciação pedagógica e promove exercícios de avaliação crítica e reformulação textual que se alinham às demandas contemporâneas de letramento. Quando articulada a propostas curriculares e a critérios pedagógicos claros, essa tecnologia amplia as oportunidades de aprendizagem sem suprimir o papel orientador do professor, servindo como mediadora eficiente entre saberes acumulados e novas formas de (re)produção do conhecimento.

Ao mesmo tempo, é imprescindível que sua adoção seja pautada por políticas e práticas que minimizem riscos (especialmente a dependência tecnológica, a exclusão digital e questões de autoria) e que incorporem ensino explícito sobre ética digital. Nesse horizonte, o uso crítico e intencional do ChatGPT pode contribuir tanto para atender às Diretrizes da UNESCO relativas às competências digitais do século XXI

quanto para fortalecer o letramento crítico previsto pela BNCC, formando estudantes capazes de operar, avaliar e produzir discursos com autonomia e responsabilidade nos ambientes digitais.

Considerando a literatura analisada e as discussões propostas neste artigo, acredita-se que o uso de ferramentas de IA pode ser ampliado para outras áreas do conhecimento, desde que acompanhado de planejamento pedagógico intencional e formação docente contínua. Além disso, o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à capacitação tecnológica dos professores e à inclusão digital das escolas é fundamental para que o uso da IA contribua de verdade para a democratização da aprendizagem e o fortalecimento da cidadania digital.

Os dispositivos digitais e as ferramentas de IA têm, de fato, influenciado significativamente as formas de leitura e escrita, modificando a estrutura dos textos, que agora se apresentam como hipertextos, cada vez mais multimodais, à medida que combinam diversas linguagens e ramificam-se para outros textos e redes. As ferramentas de IA, por sua vez, modificam não só a configuração final dos textos, mas a atividade de produção textual em si, deslocando especialmente a noção de autoria.

Diante da aproximação entre as competências digitais docentes e o letramento digital, torna-se evidente que a atuação do professor exige mais do que o domínio técnico das tecnologias: requer uma compreensão crítica de seus usos pedagógicos e sociais. O educador, ao se posicionar como sujeito letrado digitalmente, deve ser capaz de promover práticas de ensino que preparem os estudantes para uma participação ativa, ética e reflexiva na cultura digital.

Porém, para que isso seja possível, a formação continuada, especialmente na área de linguagens, assume um papel fundamental, pois permite ao professor acompanhar as transformações tecnológicas e educacionais, refletir sobre sua prática e desenvolver estratégias de ensino alinhadas às demandas de um mundo cada vez mais digital e interconectado.

Referências

BARRETO, C. H. da C.; MASSÁRIO, M. S.; GHISLENI, T. S. Publicidade, criatividade & cognição x inteligências artificiais: uma reflexão à luz das múltiplas inteligências. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 26, p. 235–261, 2023. DOI <https://doi.org/10.5216/ci.v26.76284>

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIEB – Centro de Inovação para a Educação Brasileira. **Panorama do uso de IA na educação básica**. São Paulo: CIEB, 2023. Disponível em: <https://www.cieb.net.br/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. MARCIONILO, M. (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FAVA, R. **Paradigmas da educação**: conectando revoluções e gerações através da aprendizagem. São Paulo: Saraiva Uni., 2024.

FORTES, L. A íntima relação entre escola e inteligência artificial. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, Goiânia (GO), v.1, n. 8, p. 26-41, 2025. DOI <https://doi.org/10.59616/cehd.v1i8.2209>

GABRIEL, M. **Inteligência Artificial - Do Zero ao Metaverso**. São Paulo: Editora Atlas, 2022.

GABRIEL, M. **Liderando o Futuro**. São Paulo: Editora DVS, 2024.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

MORAES, G. C. de; KNOLL, G. F.; GHISLENI, T. S. Inteligência artificial no ensino e na comunicação: aplicações e perspectivas. **Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas**, Santa Maria (RS, Brasil), v. 24, n. 2, p. 49–62, 2024. DOI <https://doi.org/10.37780/ch.v24i2.4681>

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das práticas e das formas. Campinas, SP: Pontes, 2021.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the horizon**, v.9, n. 5, out. 2001.

RIBEIRO, A. E. **Novas tecnologias para ler e escrever**: algumas ideias sobre ambiente e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RUSHKOFF, D. **Equipe humana**. Tradução: Rodrigo Dubal da Veiga. Porto Alegre: Bookman, 2024.

UNESCO. **Padrões de competência em TIC para professores**. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000156210_por Acesso em: 07 jul. 2024.

UNESCO. **Guidance for generative AI in education and research**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386694>. Acesso em: 25 jun. 2025.